ISSN: 2358-8829

O LETRAMENTO CRÍTICO EM SALA DE AULA A PARTIR DO GÊNERO DISCURSIVO CANÇÃO DE FORRÓ: UM ESTUDO DE CASO À LUZ DA TEORIA BAKHTINIANA

Isabela Marçal Rocha Calaes [1]
Valméria Brito Almeida Vilela Ferreira [2]

1 INTRODUÇÃO

A maioria das práticas pedagógicas convencionais de ensino de língua portuguesa ainda se concentra na repetição de normas gramaticais e na produção de textos descontextualizados das realidades sociais dos estudantes. Tal modelo reduz as possibilidades de diálogo entre o ensino e os repertórios culturais dos alunos e desconsidera que a oralidade e os gêneros musicais populares constituem parte significativa de sua experiência cotidiana. Nesse cenário, torna-se imprescindível pensar um ensino que reconheça e valorize os discursos que circulam fora da escola, de modo a estabelecer conexões efetivas entre os conhecimentos escolares e as práticas culturais locais.

É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, cujo objetivo é investigar de que maneira a inclusão do gênero discursivo canção de forró no ambiente escolar pode favorecer o desenvolvimento do letramento crítico dos estudantes. Parte-se do entendimento de que as letras de forró, ao apresentarem posicionamentos ideológicos sobre temas como gênero, afeto, trabalho, festas, identidade nordestina e relações sociais, constituem um espaço privilegiado para a reflexão sobre discursos que estruturam a vida cotidiana. Assim, uma análise crítica dessas músicas mostra-se uma via frutífera para promover uma atitude responsiva dos alunos e para fortalecer a compreensão de que todo enunciado nasce situado em condições sociais, históricas e ideológicas específicas.

A motivação para este estudo decorre do reconhecimento de que, embora a música popular esteja profundamente presente no cotidiano dos estudantes, sua inclusão no espaço escolar ainda é pouco legitimada e raramente explorada como instrumento de formação crítica. Nessa direção, em vez de rejeitar tal linguagem, esta pesquisa propõe utilizá-la como

[1] Graduanda do Curso de Letras Vernáculas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, calaesisabela@email.com;
[2] Professora Adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, valmeria.brito@uesb.edu.br.

ISSN: 2358-8829

ferramenta pedagógico-dialógica, orientada pela perspectiva bakhtiniana, que compreende o discurso como prática social e histórica.

Desenvolvido em uma escola pública de Vitória da Conquista (BA), este trabalho, de abordagem qualitativa, foi organizado metodologicamente em duas etapas articuladas: i) levantamento das percepções dos estudantes sobre canções de forró; ii) leitura e análise coletiva de letras do gênero canção de forró que tematizam representações da figura feminina, da figura masculina e dos relacionamentos amorosos durante a realização de oficinas pedagógicas. Cumpre ressaltar, no entanto, que, neste artigo, abordaremos especificamente parte do *corpus* constituído pelas respostas produzidas por 6 grupos de estudantes diante da leitura de canções de forró.

Nesse ensejo, os resultados evidenciam que as práticas de análise promoveram avanços significativos na compreensão das dimensões ideológicas presentes nas letras, mesmo com níveis variados de criticidade entre os grupos. Por último, conclui-se que o uso pedagógico da canção de forró, ancorado em uma abordagem dialógico-crítica, constitui um caminho fecundo para aproximar saberes escolares e práticas culturais, contribuindo para o desenvolvimento de uma postura reflexiva diante dos discursos que permeiam o cotidiano juvenil.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Nesta seção, descrevemos o percurso metodológico adotado na investigação, cujo objetivo central foi analisar de que maneira a exposição ao gênero discursivo canção de forró, em uma perspectiva dialógico-crítica, poderia favorecer o desenvolvimento de práticas de letramento crítico entre estudantes do Ensino Médio. Assim, a pesquisa foi realizada com 26 estudantes de uma turma do 3º ano de uma escola pública estadual do município de Vitória da Conquista–BA, envolvendo a realização de oficinas voltadas à escuta, leitura e análise de textos do gênero canção de forró. A escolha pelo forró justificou-se por sua forte presença na cultura local e por constituir um gênero ricamente marcado por dimensões enunciativas e ideológicas, capazes de deflagrar reflexões sobre práticas sociais e representações de gênero. As oficinas foram desenvolvidas ao longo de um mês, com encontros semanais de aproximadamente cem minutos.

O estudo segue uma abordagem qualitativa, que privilegia a compreensão dos fenômenos em seu contexto natural e concebe a linguagem como prática social e meio de

ISSN: 2358-8829

construção de sentidos. Somado a isso, o percurso metodológico foi organizado em duas etapas. A primeira consistiu na apresentação inicial de canções de forró aos estudantes, com o intuito de identificar suas percepções espontâneas e primeiras reflexões sobre temas como gênero, relações afetivas, trabalho e identidade cultural. Na etapa seguinte, a turma foi subdividida em seis equipes, responsáveis por comparar composições musicais que exploravam representações da figura feminina, da figura masculina e do relacionamento amoroso. Essa fase permitiu observar como os significados eram negociados coletivamente e como os estudantes identificavam (ou não) os conteúdos temáticos das letras à luz de suas vivências e discussões anteriores. Como pontuamos anteriormente, neste artigo, descrevemos os dados gerados durante a segunda etapa da pesquisa que foram coletados por meio das produções textuais produzidas pelos grupos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste segmento, apresentamos a fundamentação teórica que sustenta esta pesquisa. Inicialmente, com o objetivo de atribuir critérios aos processos de investigação e de análise, nos baseamos nos pressupostos de Mikhail Bakhtin (2011; 2016) acerca dos conceitos de enunciado, de gêneros discursivos e de dialogia, fundamentais para compreender a linguagem enquanto atividade social contextualizada historicamente e constituída a partir das relações interativas estabelecidas entre os sujeitos. Em seguida, incorporamos as contribuições de Valentin Volóchinov (2018), especialmente sua concepção de signo ideológico, que nos permite compreender como valores, posicionamentos e ideologias se materializam nos discursos produzidos nas diversas esferas do cotidiano. Ademais, nos ancoramos em Barbosa e Maciel (2018) e nos princípios do Letramento Crítico, que procuram superar os modelos convencionais de leitura, estimular a reconstrução dos significados e transformar a maneira como o estudante se relaciona com o texto, ressaltando seu papel participativo na construção de sentidos. Por fim, com base nas concepções do Círculo de Bakhtin e nos estudos de Souza (2010), consideramos a música de forró um gênero discursivo que, através da sua temática, dos seus recursos estilísticos e da sua organização composicional, expressa valores presentes na sociedade e na cultura popular.

3.1 Forró: um gênero discursivo ideológico?

ISSN: 2358-8829

Com fundamento em Bakhtin (2016) e nos estudos de Souza (2010), concebemos as canções de forró como um gênero discursivo. O forró, como uma expressão musical popular com forte identidade regional, particularmente do Nordeste brasileiro, possui características temáticas, estilísticas e composicionais específicas, o que o alinha com os conceitos sugeridos por Bakhtin (2016). As letras tratam, frequentemente, de temas como amor, saudade, sertão, festas juninas e os desafios da vida nordestina, utilizando um estilo linguístico marcado por expressões locais e elementos de humor ou lirismo. Dessa maneira, o forró pode ser caracterizado como um gênero discursivo, tendo em vista os elementos pertencentes aos gêneros: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Estes ligam práticas sociais, valores culturais e modos específicos de enunciação que o diferenciam de outros gêneros discursivos. Vale lembrar que, no aspecto musical, a presença constante de instrumentos como sanfona, zabumba e triângulo ajuda a criar um som reconhecível que evoca uma identidade coletiva compartilhada.

No que diz respeito ao caráter ideológico do gênero em questão, compreendemos, à luz de Valentin Volóchinov (2018), que a linguagem é inseparável da ideologia, pois todo signo ideológico é, antes de tudo, um signo social. Nesse liame, a ideologia não reside numa esfera puramente interior da mente, mas no espaço coletivo da linguagem, em que a palavra é o meio mais sensível e imediato das transformações sociais. A palavra não é somente um instrumento de comunicação, mas também de disputa simbólica e de dominação social, e está presente em todos os atos de compreensão e de interpretação. Nesse ensejo, é possível pensar na ideologia presente nas canções de forró considerando Volóchinov (2018), analisando-as como um campo de disputas simbólicas que expressa as tensões sociais e culturais do nordeste brasileiro.

3.2 Letramento crítico

O letramento crítico permite que o aluno vá além da simples decodificação do texto e interaja com ele a partir de suas próprias experiências e percepções sociais. Segundo Barbosa e Maciel (2018, p. 282), "o crítico estaria ligado à ruptura do *habitus hermenêutico*[3] interpretativo, a desestabilização do processo tradicional de leitura e interpretação", o que significa desarranjar as formas tradicionais de leitura e incentivar a renegociação dos sentidos,

[3] Consoante os autores Maciel e Takaki (2015), fundamentados em Ricouer (1979), o *habitus hermenêutico* está vinculado a novas percepções além das que já foram estabelecidas ou consideradas verdades absolutas. Assim, surgem alternativas para interpretar ou questionar um texto específico.

ISSN: 2358-8829

caracterizada pela valorização da prática situada (Barbosa e Maciel, 2018). Nessa perspectiva, o texto deixa de ser uma estrutura fechada e passa a ser um espaço de diálogo entre diferentes vozes e visões de mundo.

Dessa forma, o ensino de língua portuguesa se torna uma ferramenta para o exercício da cidadania, ao fomentar interpretações plurais, partindo da escuta do *eu* e do *outro*, promovendo um ambiente de aprendizagem mais inclusivo, dialógico e significativo. É também nas aulas de língua portuguesa que o professor pode abordar o letramento crítico com base nas canções de forró, oferecendo um terreno fértil para reflexões que envolvem linguagem, cultura, identidade e ideologia. Nesse contexto, ao aplicar este letramento em canções populares, como as do forró, as práticas sociais que os textos carregam podem ser analisadas para além de seu conteúdo explícito, revelando valores culturais, disputas simbólicas e papéis de gênero que contribuem para a formação crítica do aluno.

No conteúdo temático das canções de forró, especialmente no subgênero eletrônico, há expressiva veiculação de sentidos ligados à sexualidade, moral e relações de gênero. Trotta (2009, p. 132) aponta que o forró eletrônico "acentuou as referências ao sexo ao incorporar em seu universo uma visualidade para o tema, que até então esteve camuflada em duplos sentidos nas letras e na sonoridade dançante", enquanto mantém traços conservadores e patriarcais em sua estrutura discursiva. Nesse sentido, o letramento crítico permite que os estudantes identifiquem as contradições presentes no gênero: por um lado, a aparente liberdade sexual; por outro, a manutenção de estruturas que reforçam a objetificação feminina e o domínio masculino.

Brilhante *et al.* (2018) reforçam como os discursos musicais que remontam ao "macho nordestino" ajudam a consolidar uma identidade masculina rude e violenta, sustentada por valores patriarcais. Tomando como base o estudo de letras como as da antiga banda Aviões do Forró, é possível discutir, em sala de aula, como a cultura popular contribui para naturalizar papéis de gênero, reforçando hierarquias. Numa perspectiva de letramento crítico, essas letras funcionam como instrumentos semióticos que devem ser desarranjados pelos leitores, ou seja, questionados e reinterpretados a partir de contextos sociais e históricos diversos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A investigação foi estruturada em dois momentos, com o propósito de examinar e compreender as transformações na postura dos estudantes diante da escuta e da leitura de músicas de forró e das evidências do desenvolvimento do letramento crítico. Durante o

ISSN: 2358-8829

primeiro momento, foram apresentadas algumas canções de forró aos alunos, a fim de observar suas primeiras impressões e percepções intuitivas sobre as temáticas presentes nessas produções – contudo, seus registros não se farão presentes neste trabalho. Em um segundo momento, a investigação envolveu a divisão da turma em grupos, aos quais coube examinar conjuntos de duas canções que tematizavam a figura feminina, a figura masculina e o relacionamento amoroso, permitindo identificar como os estudantes mobilizaram sentidos coletivos e reconheceram elementos ideológicos associados a cada representação.

4.1 Análise da atividade em grupo

Na segunda etapa da pesquisa, os alunos, organizados em seis grupos, analisaram pares de canções que abordavam a figura feminina, a figura masculina e o relacionamento amoroso. As respostas produzidas nessa atividade, que resultaram em resenhas críticas, permitem observar como eles apreenderam o conteúdo temático das músicas e mobilizaram, de forma coletiva, interpretações sobre as representações de gênero e afetividade, evidenciando diferentes níveis de criticidade diante dos discursos presentes no repertório das canções de forró.

4.1.1 Representações da Figura Feminina

A análise das respostas dos Grupos A e B – compostos por 5 e 4 alunos, respectivamente –, que trabalharam o par de músicas *Viva a Bagaceira*, do cantor Wesley Safadão, e *Mulher Doideira*, da antiga banda Aviões do Forró, revela que ambos reconheceram o funcionamento temático – segundo Bakhtin (2011), refere-se à realidade que o gênero aborda – que estrutura essas composições: as canções constroem a figura feminina a partir do cenário da festa, destacando performances corporais, sensualidade marcada e códigos sociais associados ao comportamento da mulher nesse ambiente. Em ambas as músicas, os Grupos perceberam que o corpo feminino é central para a narrativa musical e que a festa funciona como um espaço discursivo de exposição, de circulação de olhares e de julgamentos. Entretanto, os dois Grupos divergem quanto ao modo como interpretam a dimensão ideológica desse retrato. O Grupo A demonstra maior criticidade ao afirmar que as canções descrevem mulheres de maneira sexualizada, identificando processos de objetificação e reconhecendo que a música não apenas representa, mas produz sentidos sobre feminilidade, desejo e conduta social. Os componentes desse Grupo evidenciam uma compreensão do tema

ISSN: 2358-8829

como espaço de disputas simbólicas, percebendo tensões entre autonomia, desejo, sexualização e controle social.

O Grupo B, por sua vez, embora reconheça que ambas as letras tematizam diversão, festas e encontros, tende a construir uma leitura mais descritiva, caracterizando a mulher como "livre", "festeira" e "sem medo de julgamentos". Essa leitura demonstra sensibilidade ao comportamento narrado, mas não aprofunda a crítica sobre como essas categorias são produzidas pelo olhar masculino ou por estruturas sociais que condicionam a performance feminina. Contudo, a canção *Tutti frutti*, de Gilton Andrade – lançada no Vol. 19 da banda Calcinha Preta (2008) –, em uma interpretação, consoante Trotta (2009), funciona como uma espécie de "oferta" da cantora para seu interlocutor oculto, mas também, em outra análise, pode assumir um discurso de empoderamento, no qual as mulheres assumem o controle de sua sexualidade e seu prazer.

A comparação entre as leituras permite observar que, enquanto o Grupo A desenvolveu maior criticidade, o Grupo B permaneceu no nível narrativo e comportamental. Ainda assim, ambos identificaram que as representações femininas são recorrentes e circulam amplamente no universo do forró, o que confirma que os estudantes compreenderam como os discursos musicais moldam imagens sociais sobre o feminino, como demonstra a tabela a seguir:

Tabela 1: Comparação de respostas dos Grupos A e B

Pergunta: Como a Figura Feminina é representada em cada letra?	
Resposta do Grupo A	Resposta do Grupo B
"Nas duas letras, a mulher é mostrada como alguém bonito, sensual e desejado. Na primeira música, ela é apresentada de forma mais sexualizada, como alguém que 'quer sentar' e 'dançar'. Na segunda, é vista como atraente, divertida e sedutora, chamada de 'maravilhosa' e 'doideira'."	"'Viva Bagaceira' aparece mais como parte do ambiente da festa enquanto 'Mulher doideira' representa a mulher como livre, independente, festeira e sem medo de julgamentos."

Fonte: Dados coletados pelas autoras.

4.1.2 Representações da Figura Masculina

Ao analisar as respostas dos Grupos C e D – ambos formados por 5 alunos –, que trabalharam o par *O Homem Ideal*, da banda Magníficos, e *Viva a Bagaceira*, de Wesley

ISSN: 2358-8829

Safadão, observa-se a construção de interpretações que revelam aspectos distintos, mas complementares, da figura masculina no repertório forrozeiro. Em *O Homem Ideal*, os dois Grupos identificam que o enunciado organiza seu conteúdo temático em torno da idealização do sujeito masculino, caracterizando-o como um parceiro afetivo desejável e emocionalmente disponível, marcando um contraste com representações mais hegemônicas da masculinidade. Ademais, o Grupo C lê essa idealização a partir de características comportamentais, descrevendo o homem como atencioso, cuidadoso e comprometido, sem, contudo, problematizar como tais atributos são moldados por expectativas culturais e normas sociais que estruturam modelos de masculinidade.

Já o Grupo D, embora igualmente reconheça a figura masculina idealizada em *O Homem Ideal*, tende a articular essa leitura ao compará-la com *Viva a Bagaceira*, observando diferenças entre a posição do homem na canção romântica e na canção festiva. Dessa forma, em *Viva a Bagaceira*, os Grupos percebem que o homem assume a postura de observador da mulher, reforçando dinâmicas de vigilância, consumo visual e controle simbólico sobre o corpo feminino. Nesse contraste entre as duas músicas, os Grupos identificam que a masculinidade pode ser construída ora como ideal romântico, ora como observadora e controladora, revelando tensões entre afetividade, desejo e poder. Comparativamente, o Grupo C tende a permanecer na descrição dos comportamentos masculinos, enquanto D aprofunda mais as tensões entre as duas canções, aproximando-se de uma leitura crítica que reconhece que essas representações não são neutras, mas historicamente situadas, tal como propõe Volóchinov (2018). Essa diferença de tratamento demonstra que, embora os Grupos compreendam os elementos temáticos, apenas alguns avançam para uma reflexão mais elaborada sobre a dimensão ideológica dessas construções, assim como mostra a tabela abaixo:

Tabela 2: Comparação de respostas dos Grupos C e D

Pergunta: Como a Figura Masculina é representada em cada letra?	
Resposta do Grupo C	Resposta do Grupo D
“Na primeira canção a figura masculina é retratada como um homem ideal, que é difícil de ser encontrado, só na segunda música o homem é retratado como o festeiro que só pensa em fuleragem.”	“Na primeira música, ela idealiza um homem de qualidade. Na segunda música, fala sobre um homem ‘putão’ e sem limites e só quer se divertir e que não se importa com o sentimento ‘amor’.”

Fonte: Dados coletados pelas autoras.

ISSN: 2358-8829

4.1.3 Representações do Relacionamento Amoroso

Por último, as análises dos Grupos E e F – constituídos por 3 e 4 alunos, respectivamente –, que trabalharam as músicas *Manchete dos Jornais*, da banda Calcinha Preta, e *Minha Mulher Não Manda em Mim*, do antigo grupo musical Aviões do Forró, evidenciam leituras que abordam o relacionamento amoroso sob perspectivas claramente distintas. Em *Manchete dos Jornais*, ambos os Grupos identificam um amor marcado por exagero emocional, dependência e vulnerabilidade, características que, segundo o Grupo E, configuram um relacionamento devotado, porém, melodramático. Nesse liame, a leitura permanece na esfera narrativa e descritiva, sem aprofundar-se na crítica sobre como tais idealizações podem reforçar padrões afetivos nocivos ou dependentes.

O Grupo F, por outro lado, demonstra leitura mais crítica, reconhecendo que a canção romantiza práticas de sofrimento e devoção extrema. Quando passam a analisar *Minha Mulher Não Manda em Mim*, as diferenças entre E e F tornam-se ainda mais evidentes: o Grupo F identifica a presença clara de discursos misóginos e práticas de desrespeito, descrevendo o relacionamento como "quase abusivo" e reconhecendo que tais comportamentos são legitimados socialmente. Essa percepção revela clara apropriação do letramento crítico, que redefine a relação do aluno com o texto, destacando a sua posição ativa no processo de significação (Menezes de Souza, 2011, *apud* Barbosa e Maciel, 2018). Isso ocorre porque F identifica o funcionamento ideológico do enunciado e o relaciona a práticas sociais reais, compreensão que corresponde ao entendimento de que os signos não existem isoladamente, mas sempre inseridos num contexto social e dialógico (Volóchinov, 2018). Enquanto isso, o Grupo E, embora reconheça a postura autoritária do eu-lírico, não aprofunda o debate sobre modelos normativos de masculinidade e assimetria de poder. Diante disso, os dois compreendem os contrastes entre o amor idealizado e a relação marcada por autoritarismo, mas somente F traduz esse reconhecimento em crítica social, assim como é mostrado na seguinte tabela:

Tabela 3: Comparação de respostas dos Grupos E e F

Pergunta: Como o Relacionamento Amoroso é representado em cada letra?	
Resposta do Grupo E	Resposta do Grupo F
"O primeiro texto é a mulher que faz tudo	"Na primeira música, aborda uma paixão

ISSN: 2358-8829

pela pessoa que ela gosta, o segundo texto, o homem quer fazer tudo sem a mulher mandar nele.”	ardente, um amor real, na letra nota que é uma declaração. Na segunda música, fala de um relacionamento desrespeitoso, quase abusivo.”

Fonte: Dados coletados pelas autoras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, foi possível perceber evidências de que o trabalho com o gênero discursivo canção de forró, quando articulado a uma perspectiva dialógica e crítica de ensino, constitui caminho profícuo para promover deslocamentos interpretativos significativos entre estudantes do Ensino Médio. Nesse sentido, das primeiras percepções espontâneas até as análises coletivas, observamos que os alunos passaram a reconhecer as músicas não apenas como objetos de entretenimento, mas como enunciados ideológicos que produzem sentidos sobre gênero, afetividade, corpo, comportamento e relações sociais. Esse movimento confirma a relevância de integrar ao espaço escolar textos que fazem parte do cotidiano dos estudantes, possibilitando que eles desenvolvam formas mais conscientes e responsivas de se relacionar com discursos que atravessam sua vida cultural.

Desse modo, a análise das atividades em grupo demonstrou que, embora os níveis de criticidade tenham variado entre as equipes, todas foram capazes de identificar o conteúdo temático das canções e de mobilizar repertórios culturais, sociais e afetivos para interpretar as letras. Em vários casos, os estudantes conseguiram ir além da descrição literal e reconhecer processos de objetificação, naturalização de papéis de gênero, idealizações amorosas e práticas sociais frequentemente reiteradas no repertório das canções de forró. Nessa direção, o processo revelou que o letramento crítico é possível e efetivo quando ancorado em práticas que dialogam com os universos culturais dos alunos e lhes permitem ocupar uma posição ativa no processo de construção de sentidos.

Do ponto de vista pedagógico, esta pesquisa reafirma a necessidade de que a escola reconheça o potencial educativo dos discursos que circulam fora dela, especialmente aqueles que compõem a experiência cotidiana dos estudantes. Ao trabalhar o forró como gênero discursivo, não se buscou apenas legitimar um artefato cultural amplamente consumido, mas possibilitar que os alunos percebessem as tensões, os valores e as ideologias que estruturam essas produções. Trata-se, portanto, de uma prática de ensino que não separa cultura e linguagem, mas compreende ambas como dimensões inseparáveis da formação humana e como espaços de disputa por sentidos. À luz disso, os resultados apresentados indicam que

ISSN: 2358-8829

esse tipo de abordagem pode contribuir não só para o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação, mas para a formação de sujeitos críticos, capazes de reconhecer as dinâmicas sociais que moldam suas vivências e de posicionar-se diante delas.

Em suma, destaca-se que este estudo não encerra o debate sobre o ensino de gêneros discursivos populares na escola, mas abre novas possibilidades de pesquisa e intervenção. Investigações futuras podem ampliar o repertório de textos analisados, incorporar outras práticas culturais locais, comparar diferentes níveis de ensino ou explorar metodologias participativas ainda mais intensas. Dessarte, o essencial permanece: quando a escola se dispõe a dialogar com a cultura dos alunos e a promover leituras que desnaturalizam discursos cotidianos, ela se torna espaço privilegiado de reflexão, crítica e emancipação. Em vista disso, conclui-se que as oficinas realizadas demonstraram não apenas a pertinência do uso pedagógico das canções de forró, mas, sobretudo, a potência transformadora do encontro entre linguagem, cultura e educação crítica.

Palavras-chave: Canção de Forró, Letramento crítico, Gêneros discursivos, Ensino de Língua Portuguesa, Representações de gênero.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que me ensinou a dançar; à Prof.ª Dr.ª Valméria Vilela, que aceitou dançar esse forró comigo; e ao meu amor, Filipe, com quem quero dançar por toda a vida.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1a edição. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARBOSA, Vanderlis Legramante; MACIEL, Ruberval Franco. Letramento crítico nas aulas de língua portuguesa: discutindo processos de construção de sentidos. **Guavira Letras**, Três Lagoas/MS, v. 14, n. 28, p. 280-297, set./dez. 2018. Disponível em: https://www.periodicos.ufms.br/index.php/guavira. Acesso em: 19 jun. 2025.

BRILHANTE, Aline Veras Morais; SILVA, Juliana Guimarães e; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza; BARROS, Nelson Filice de; CATRIB, Ana Maria Fontenelle. Construção do estereótipo do "macho nordestino" nas letras de forró no Nordeste brasileiro. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 22, n. 64, p. 13–28, 2018.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151–166.

MACIEL, R.; TAKAKI, N. Novos letramentos pelos memes: muito além do ensino de línguas. In: JESUS, D.; MACIEL, R. (org.). **Olhares sobre tecnologias digitais**: linguagens, ensino, formação e prática docente. Campinas: Pontes, 2015. p. 53-82.

SOUZA, José Peixoto Coelho de. A canção na ótica dos gêneros do discurso: uma constelação de gêneros. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 40, p. 123–133, jun. 2010. Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/. EISSN 2236-6385. Acesso em: 16 jun. 2025.

TROTTA, Felipe. O forró eletrônico no Nordeste: um estudo de caso. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 20, p. 102–116, jan./jun. 2009.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2018.